

O ESPAÇO LITÚRGICO EM SUA SACRAMENTALIDADE PASCAL

Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa

RESUMO

O espaço litúrgico ressalta-se entre os elementos que devem ser preparados para a celebração litúrgica. Antes de tudo, faz parte do binômio espaço-tempo, que define a realidade e cria os acontecimentos que regem a história. Além disso, o espaço litúrgico tem um caráter sacramental relevante em função do mistério pascal de Jesus Cristo. Portanto, é tomado de significados pascais e seu formato deve ser pensado a partir disto. Um espaço de silêncio, acolhimento e beleza nos ajuda a penetrar o Mistério através de uma arquitetura, onde toda a arte não se impõe mas convida o fiel a mergulhar nas sutilezas do Espírito, sentindo ele mesmo como um fio suspenso entre a imensidão do Absoluto e o abismo do nada.

Palavras-Chave: Beleza, Silêncio, Mistério.

ABSTRACT

The liturgical space stands out amongst the elements that must be prepared for the liturgical celebration. First of all, it is part of the binomial space-time, which defines the reality and creates the events that rule history. Besides that, the liturgical space has a relevant sacramental character alive to the paschal mystery of Jesus Christ. Therefore, it is taken of paschal significances and its format must be thought as from this. A space of silence, reception and beauty helps us to penetrate the Mystery through one architecture, where all art does not impose itself but invites the faithful to dive in the subtleness of the Spirit, feeling itself as a suspended thread in between the immensity of the Absolute and the abyss of the nothingness.

Key Words: Beauty, Silence, Mystery.

INTRODUÇÃO

Um dos elementos de grande relevância para a ação litúrgica é o espaço onde a celebração se desenvolve. Além da sua importância filosófico-teológica, pois faz parte do binômio espaço-tempo, que define a existência e dá os significados que regem a história, a logística espacial de cunho ritual, além da tradição de Israel, já estava presente na instituição da eucaristia, que é a matriz das liturgias do Novo Testamento:

Quando ia celebrar com seus discípulos a ceia pascal, onde instituiu o sacrifício do seu Corpo e Sangue, o Cristo Senhor mandou preparar uma sala ampla e mobiliada (Lc 22,12). A Igreja sempre julgou dirigida a si esta ordem, estabelecendo como preparar as pessoas, os lugares, os ritos e os textos, para a celebração da Santíssima Eucaristia (*Instrução Geral do Missal Romano* - IGMR 1).

Então, o lugar onde se celebram os sacramentos, merece uma relevância entre os elementos importantes a serem preparados. Parece que a Igreja primitiva acatou esta lógica, pois mesmo antes do final do século III, quando se começam a construir lugares próprios para a reunião eucarística, é correto afirmar que “os primeiros cristãos não celebravam a Eucaristia em suas próprias casas”, mas “em uma residência bastante grande de um ou outro cristão, que queria pôr a sua casa à disposição dos outros”.¹

Além de acomodar as pessoas e propiciar a mobilidade ritual, o espaço litúrgico deve estar munido daquela beleza provida de nobre simplicidade, cuja harmonia é passaporte para o mistério e referência da presença de Deus.

1. O ESPAÇO LITÚRGICO COMO LUGAR DE ENCONTRO E ADO- RAÇÃO A DEUS.

Na história das religiões, o espaço cultural mais convencional é o templo.² Ele se tornou em elemento chave para o Antigo Testamento.

Por causa de sua importância religiosa e política, o último templo de Jerusalém, o magnífico Templo de Herodes, enorme e decorado de pedra

¹ NADEAU, Marie-Thérèse, *Eucaristia*, memória e presença do Senhor, 35

² Cf. YONGBLOOD, Ronald F. *et al.* Templo. in *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004. pg. 1379

e ouro, resplandecia de tal forma que era difícil olhar diretamente para ele à luz do sol.³

Neste contexto em que o templo era a máxima expressão religiosa, política, econômica e artística, e o que praticamente tinha sobrado sob domínio romano que ainda identificava o Povo de Israel, Jesus anuncia um outro espaço cultural de ordem espiritual, que seria o seu corpo ressuscitado: “destruí este templo e em três dias eu o levantarei....Ele falava do templo do seu corpo” (Jo 2,19-20).

Por isso, foi difícil tanto para o judaísmo ortodoxo acatar a mensagem de Jesus como para os primeiros cristãos lidarem com a questão do templo enquanto espaço litúrgico, pois, encantadas com a liberdade cristã, pensavam em cultuar o Deus da Nova Aliança sem templo, altar, sacerdote, uma vez que Cristo se revelou ao mesmo tempo “sacerdote, altar e cordeiro” (Prefácio da Páscoa V). Uma apologia do final do século III justifica várias atitudes assumidas pelos cristãos, entre as quais, a de não terem altares, templos e estátuas, argumentando que o templo que os cristãos dedicam a Deus está no espírito e no fundo do coração.⁴

Evidentemente, esta mentalidade que abolia radicalmente a sacramentalidade do espaço litúrgico não prevaleceu, embora ela represente uma crítica saudável à tentação de fazermos do espaço sensível o centro da presença de Deus. Isso, levado ao extremo, pode dar ao templo ou ao espaço sagrado, mais valor do que a própria presença de Deus.

A nossa questão aqui é buscar normas gerais que nos ajudem a adequar o espaço litúrgico à sua finalidade sacramental e transcendental. Neste sentido, o importante é frisar que a liturgia no Novo Testamento é realizada como adoração ao Pai em Espírito e Verdade ali onde a Igreja se congrega, inclusive nos templos, os quais devem se adequar a esta finalidade. O que muda fundamentalmente na relação entre liturgia e templo é que no Antigo Testamento o templo tinha supremacia sobre o culto. Sem templo, sem sacrifícios pascais. Agora o culto tem supremacia sobre o templo, o que equivale dizer que o legítimo templo onde a liturgia cristã é celebrada é Cristo ressuscitado, com todas as suas implicações eclesiológicas e sa-

³ *Ibidem.* pg.1381

⁴ Cf. MINUCIO FELIX. *Octavio*. PL 3, 232-366

cramentais. É nesta perspectiva que os edifícios das igrejas católicas são consagrados ritualmente.

Este templo é um templo de adoração, como o próprio Jesus definiu, ao Pai, em Espírito e Verdade (Cf. Jo 4,23-24).

Então, quais as características de um espaço físico próprio para adorar a Santíssima Trindade, na dinâmica da oração litúrgica que é dirigida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo?

Fundamentalmente será o local de encontro, dentro das categorias litúrgicas, com o Cristo Ressuscitado, nossa luz pascal. Para isto, os sinais precisam ser captados com facilidade, como diz Aldazábal:

Depois do avanço evidente no terreno acústico, não podemos descuidar a melhora também no âmbito óptico em nossa liturgia: gestos bem realizados, sinais abundantes e não mínimos, movimentos harmônicos, espaços bem distribuídos, beleza estética no conjunto e, acima de tudo, uma boa iluminação...em torno da Palavra primeiro, e a seguir do altar..⁵

O encontro sacramental com o Senhor é uma experiência de natureza mística, onde, captando a beleza, somos conduzidos à experiência de Deus, a beleza suprema e fonte de toda beleza terrena. Neste sentido, os santos Padres falavam de uma beleza primitiva (*anágrui cálos*), perdida pelo pecado e recuperada no batismo pelo Espírito Santo: “O Espírito Santo...reintegra-nos na beleza primitiva”.⁶ Portanto, não há como deixar de relacionar a beleza e a liturgia, já a partir do espaço litúrgico.

2. O ESPAÇO E O TEMPO NA DINÂMICA DO ENCONTRO COM DEUS.

Dentre os valores que nos destacam completamente dos outros animais, está a percepção do *espaço* e do *tempo* em função do *evento*, que se dá num *lugar* determinado como seu depositário final e obrigatório.⁷ Então,

⁵ ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. pp. 29-30

⁶ DÍDIMO DE ALEXANDRIA. *Tratado sobre a Trindade*. Liv. 2,12: PG 39, 667

⁷ Cf. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. pg. 115

vamos explicar melhor como a geografia social entende a conexão destes quatro elementos: *espaço*, *tempo*, *evento* e *lugar*. O conceito de espaço e tempo na concepção da geografia social é dado por aquilo que chamamos de “evento”. Só é possível captar o tempo e delimitar o espaço porque neles alguma coisa acontece. Do contrário, o tempo e o espaço não passariam para a memória e nem constituiriam história. Eddington afirma que “o evento é um instante do tempo e um ponto do espaço”.⁸ O que caracteriza fundamentalmente o evento é o fato de ser «presente». O geógrafo Milton Santos afirma que “os eventos são todos Presentes. Eles acontecem num dado instante, uma fração do tempo que eles qualificam. Os eventos são simultaneamente a matriz do tempo e do espaço...É esta presença absoluta que funda a eficácia do evento”.⁹ Então, os eventos são os anunciadores da ação presente e portadores dos seus significados.

Uma vez que a intersecção do *tempo* e do *espaço* foi fixada na memória humana por causa de um *evento* significativamente importante, então surgem a *data* (tempo), o *lugar* (espaço) e o *fato* (evento).

Neste sentido, o espaço litúrgico se caracteriza como o *lugar* onde o encontro sacramental do Ressuscitado com sua Igreja torna-se um *fato presente* a partir do evento pascal celebrado. Por isso, ele não é mais lugar da busca de Deus, mas do encontro. O lugar existe fundamentalmente como aquela dimensão do espaço onde a gente encontra ou se deixa encontrar. Aqui há uma diferença em relação à busca. O conceito de busca é marcado pela idéia do espaço indefinido e apenas intuído.

Quando já se sabe bem o que se quer e se tem noção clara de onde está, então se fala de encontro, em vez de busca. Na dinâmica da vida, os enamorados se encontram em lugares românticos, os conspiradores, em lugares secretos, os encontristas em lugares definidos, os turistas em lugares belos ou históricos, os cristãos, em lugares sagrados e consagrados por causa do mistério de Cristo.

Trata-se, então, de um espaço sacramental de índole sagrada. O sagrado tem a ver com Deus, embora defini-lo como tal, não é tão fácil, como

⁸ EDDINGTON, Arthur. *Space, time and gravitation, an outline relativity theory*. pg. 186

⁹ SANTOS, Milton. *A natureza do tempo e do espaço: técnica e tempo. razão e emoção*. pp 115-116

diz Paul Ricoeur, “O sagrado é a sua própria escatologia, é o horizonte que a reflexão não compreende, não engloba, mas saúda como o que sobrevém como que voando”.¹⁰

O espaço litúrgico é o lugar onde Deus, o “Sagrado” por excelência, se deixa encontrar sacramentalmente. Em outras palavras, é o lugar cujo significado nos permite o encontro com Aquele que é absolutamente transcendente e que amamos com todas as forças do nosso ser. É o lugar do encontro com o Amado, a beleza suprema, refletida em toda a beleza criada. De todos os lugares comuns, incluindo os mais belos, como aqueles que a natureza nos oferece, o espaço litúrgico, dentro da sua função, se destaca por seu aspecto simbólico-sacramental. Ele supõe o conhecimento de Deus através do coração e da mente, até provocar o desabafo místico que levou Santo Agostinho exclamar: “tarde te amei, ó beleza tão antiga e nova” (*Confissões*, 10,27).

3. O ESPAÇO LITÚRGICA NA DINÂMICA DOS CINCO SENTIDOS.

São Leão Magno diz que “tudo quanto o Filho de Deus fez e ensinou para a reconciliação do mundo, podemos saber não apenas pela história do passado, mas experimentando-o na eficácia do que se realiza no presente” (*in presentium operum virtute sentimus*).¹¹ Portanto, a palavra experimentar supõe a passagem pelos sentidos do corpo (*sentimus*) antes de se tornar uma experiência espiritual.

Então, o espaço litúrgico constitui-se para que capturemos através dos cinco sentidos a presença de Deus. Santo Agostinho, de certa forma nos revela que a beleza de Deus abriu caminho para a alma, passando pelos cinco sentidos do corpo:

Tu me chamaste, e o teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargistes a tua fragrância e respirando-a suspirei por ti. Eu te saboreei e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo

¹⁰ RICOEUR, Paul, *Della interpretazione*. Saggio su Freud, Il Saggiatore. Milão 1977, pg. 570, apud TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e horizontes do sagrado. pg. 221

¹¹ LEÃO MAGNO. *sermo 12, De Passione*. 3, 6: PL 54, 356.

¹² AGOSTINHO, *Confissões*. liv. 10, 27

da tua paz.¹²

“Tu me chamaste, e o teu grito rompeu a minha surdez”.

Eis a sacramentalidade que passa pelos ouvidos. A finalidade última do espaço litúrgico é dispor-nos para primeiramente ouvirmos Deus e, depois, dar-lhe a resposta condizente. Por isso, o espaço litúrgico é antes de tudo, lugar de silêncio e de celebração. O silêncio nos predispõe para ouvir Deus. A liturgia é a ação onde Deus fala e nós respondemos ritualmente. Porém o espaço litúrgico já é em si uma ajuda para o diálogo com Deus. Ele representa o chamado forte de Deus para nos acordar ou o sussurro do seu amor para nos abraçar e fortalecer. É o lugar onde ouvimos os mais belos hinos, aquela poesia que nos transporta ao mistério, porque move os mais profundos afetos. Isto faz sentido, pois como diz Santo Agostinho, quando “cala a voz, grita o coração”.¹³ Precisamos, portanto, trabalhar os nossos espaços litúrgicos para que sejam espaços de escuta, geradores de comunhão e de integração. É bem certo que a liturgia é uma ação festivo-familiar. Mas isto só acontece na medida em que Deus é ouvido primeiro.

“Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira”.

Eis a sacramentalidade que passa pelo sentido da visão. O espaço litúrgico é o lugar de ver a Deus nas ações rituais da liturgia e na própria disposição do lugar onde o rito é celebrado. Para vermos Deus, é preciso que Deus se manifeste. Uma das formas da sua manifestação é o fulgor da luz. A iluminação do espaço litúrgico conta muito neste processo sacramental. A luz enquanto símbolo divino, precisa ser atraente para ser meio de revelação. Ela é o principal fator desta revelação. Por isso, o espaço litúrgico é a epifania da luz, que afugenta a cegueira das trevas. Antes de tudo, o espaço litúrgico é o lugar da arte, do amor, da paz. Por isso, a harmonia das cores é muito importante. Por causa do processo luminoso com que identificamos o Ressuscitado, o espaço litúrgico prima pelas cores claras e suaves, que ao descansar a vista, aliviam o coração.

“Espargiste a tua fragrância e respirando-a suspirei por ti”.

Eis como Deus pode entrar pelo sentido do olfato. No espaço litúrgico, o olfato também é importante. Adentramos um espaço litúrgico para respirar

¹³ *Confissões*. Livro 10, 2. In AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo: Paulus, pg. 270

Deus. Neste sentido, o incenso tem uma função importante. Mas que seja puro e acrescido, se possível, de outras resinas aromáticas que possam nos transportar ao jardim da nova Criação, como a intensidade do perfume das rosas, a suavidade do aroma das flores de laranjeiras, ou a agradável agressividade do perfume do jasmim. Jesus, que foi vendido ao preço de um escravo (Mt 27,9)¹⁴, recebera por parte de Maria, irmã de Lázaro (Jo 12, 1-3), a homenagem devida a um senhor, através daquele perfume caríssimo de nardo, planta aromática e medicinal das encostas das montanhas da Europa e da Ásia, com que ela lhe banhou os pés. Jesus foi vendido por trinta denários de prata, enquanto seus pés tinham sido unguídos por um fino perfume de nardo, que Judas Iscariotes avaliou em trezentos denários (cf. Jo 12, 5).

“Eu te saboreei e agora tenho fome e sede de ti”

O paladar não é tão usado na liturgia, a não ser através da comunhão sacramental, que é central na celebração eucarística do mistério pascal. Então, o paladar com todo o seu poder sensorial, não é o sentido mais ativado na celebração litúrgica. A hóstia, por exemplo, não tem um sabor tão marcante, mesmo o pão ázimo. O vinho consagrado é mais insinuante ao paladar, mas trata-se de uma pequena quantidade. Na antiguidade, Plínio o moço, achava as práticas litúrgicas cristãs muito inocentes: uma reunião em dia fixo, onde os cristãos cantavam hinos a Cristo como a um Deus, faziam juramentos de fidelidade e amor e tomavam uma refeição bastante vulgar e sem sabor.¹⁵ Na cabeça de um romano não era compreensível os cristãos se arrisquem tanto por uma reunião onde a comida não representasse, pelo menos, um banquete saboroso.

Mesmo assim, o espaço litúrgico, representa um deguste espiritual daquela presença que nos dá o sabor da eternidade. Neste sentido, se pode falar do sabor do silêncio sagrado, de pinturas bíblicas liturgicamente bem delineadas, da tenuidade de uma arquitetura que não se impõe, mas convida o fiel a mergulhar nas sutilezas do Espírito, sentindo ele mesmo

¹⁴ Essa quantia pela qual Jesus foi entregue por Judas equivalia ao preço de um escravo (cf. Ex 21,32) ou o salário irrisório de um profeta (cf. Zc 11,12), pois um denário de prata correspondia a uma diária de um trabalhador comum (cf. *BIBLIA de Jerusalém*, nota a, correspondente a Jo 12,5).

¹⁵ Cf. *Apud* LEBRUN, François. *As grandes datas do cristianismo*. Lisboa: Editorial. 1989. pg.25

como um fio suspenso entre a imensidão do Absoluto e o abismo do nada.

“Tu me tocaste e agora estou ardendo de desejo da tua paz”

Eis o quinto e último sentido: o tato. Nossa relação sensível com o templo, como já foi dito, é sobretudo pelo olhar e pelo ouvir.

Porém, como o paladar, o toque é tão forte que se transformou numa metáfora da nossa existência. Através do olhar, do ouvir, da fragrância do perfume que nos encanta, do sabor da harmonia, somos tocados pela presença de Deus. Alguém me tocou disse Jesus (cf Mc 5,30). Deus nos tocou: dizemos nós ao adentrarmos o espaço litúrgico belo.

Então, o espaço litúrgico só pode estar a serviço da sacramentalidade da presença de Deus, quando se mune da harmonia que os cinco sentidos captam em forma de beleza. Como diz o historiador Procópio, quem entrasse na Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla, imaginaria estar entrando numa grande campina cheia de flores em pleno desabrochar. Entrar numa igreja deve ser tão agradável como imaginar o céu. É lugar de vida e de paz, de comunhão e integração. Então, o espaço litúrgico é sempre bem cuidado.

4. O EVENTO PASCAL E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO.

Como matriz espacial, o evento que funda o espaço litúrgico é o mistério pascal de Jesus Cristo. Diano lembra que “não há evento sem ator, evento sem sujeito”.¹⁶ O único ator como agente verdadeiro do espaço litúrgico é Jesus Cristo. Porém, como ele é invisível para os sentidos do corpo humano, sua atuação é intermediada sacramentalmente.

A sacramentalidade do espaço litúrgico conta com um conjunto de objetos sacros que apontam para o mistério pascal de Jesus Cristo, simbolizando a sua páscoa, como evento máximo fundante. O que expressa a totalidade da páscoa de Cristo é a sua morte e ressurreição. O espaço litúrgico deve estar imbuído dialeticamente por símbolos destes dois eventos integrados, mas distintos.

¹⁴ DIANO, Carlo. *Forme et événement.Principe d'une interpretation du monde grec.* pg. 60

Por isso, não pode faltar o símbolo da cruz redentora com a imagem do Crucificado. Liturgicamente, a cruz vazia não serve para simbolizar a pascalidade na sua amplitude.

É preciso estabelecer a relação entre o espaço e os objetos que o compõem. Para isto, nos apoiamos na visão da geografia social:

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que *determina* os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade.¹⁷

Como vimos antes, o espaço litúrgico é o lugar do encontro sacramental com o Ressuscitado, na dinâmica do seu mistério pascal. É o espaço mesmo que modela a presença dos objetos que o simbolizam.

Seguindo o pensamento acima descrito por Milton Santos, podemos afirmar que a centralidade do altar não determina os outros objetos litúrgicos, mas o que determina tudo é a centralidade da presença do Ressuscitado e do seu mistério pascal. Então, tudo tem a ver com isto, inclusive o altar no seu papel específico.

Por isso, é importante apresentar algumas normas para os objetos litúrgicos em geral. A relação entre o homem e os objetos constitui as ações e estabelecem as normas territoriais. Porém, há uma diferença preocupante entre o ontem e o hoje moldado pela cultura técnico-científico-informática.

A grande distinção entre o hoje e o ontem é que antes os objetos eram pouco numerosos, viviam em comunhão conosco e nos eram subordinados. Essa comunhão total com a sociedade e os indivíduos permitia falar de objetos vivos...Hoje vivemos junto com os objetos técnicos, eles se apoderam do nosso cotidiano, mas com eles nossa interação é prática, mas não profunda.¹⁸

Vivemos uma inflação de objetos e uma carência de comunhão com

¹⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do tempo e do espaço*: técnica e tempo. razão e emoção. pg. 34

¹⁸ *Ibidem* pp 170.171

eles. Os objetos não são mais vivos, não falam mais. Apenas nascem hoje para morrer amanhã. São descartáveis e, por isso, têm pouca força de simbolização. Esse tipo de relação cria uma mentalidade que entra em conflito com a teologia do espaço litúrgico, porque os objetos técnicos visam pura operacionalidade, criados deliberadamente para serem superados, enquanto que os objetos litúrgicos têm a ver com a eternidade de Deus.

Em nenhuma outra fase da história do mundo, os objetos foram criados como hoje, para exercer uma precisa função determinada, um objeto claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento da sua eficácia. Da mesma forma, cada objeto é também localizado de forma adequada de tal forma que produza os efeitos que dele se espera... sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos nos escapam.¹⁹

O espaço litúrgico constitui uma resistência a esta invasão técnica e preserva por natureza a sobriedade e o predomínio do simbólico sobre o funcional. O funcional na liturgia está, portanto, subordinado ao simbólico. Não se imagina um espaço litúrgico inflacionado de objetos, empestado de cartazes, quebrando a comunhão entre eles e as pessoas que participam da celebração. Na liturgia e no seu espaço não se trabalha com objetos descartáveis, justamente para que a nossa comunhão com eles seja duradoura.

Por isso, quando se fala de alfaias litúrgicas se recomenda que sejam nobres e duráveis (IGMR 326). Os vasos sagrados também devem ser nobres e consistentes (IGMR 328-330). Neste sentido houve uma evolução rápida na linha da sacramentalidade dos vasos litúrgicos. Um exemplo é um fato do início do século quarto. Em 303, foi confiscada uma casa em Cirta, no norte da África, onde os cristãos faziam suas reuniões litúrgicas. No inventário dos objetos de valores apropriados, se encontram dois cálices de ouro e seis de prata.²⁰

O altar como centro da celebração eucarística e do espaço litúrgico, deve ser de preferência fixo (IGMR 298), muitas vezes de pedra, nobre, único (IGMR 303).

¹⁹ *Ibidem* 173

²⁰ Cf. ALDAZÁBAL, José, *Gestos e símbolos*. pg. 42

Também a inflação de altares não corresponde ao seu significado cristológico. Os altares foram sendo multiplicados, sobretudo, quando se multiplicaram sem sentido as celebrações eucarísticas. O que se deve preservar é a unicidade do altar. Assim como na eternidade, o espaço litúrgico não comporta mais do que um altar, que o é altar do Cordeiro, hoje ainda altar do sacrifício sacramental e no céu somente altar da glória. Neste sentido a IGMR, no n° 303, pede que “nas novas igrejas a serem construídas, convém erigir um só altar, que na assembléia dos fiéis signifique um só Cristo e uma só Eucaristia da Igreja”.

O altar é uma peça viva que fala conosco, a partir da sua dimensão simbólica. Ele é um memorial da bondade extrema de Deus para com seu povo. Tem também seu aspecto sacrificial, porque o amor, que se tornou oblação na cruz, constitui-se no altar um evento presente até o fim da história.

Embora não devamos entendê-lo como personificação de Deus como o foi na evolução do altar pagão, o altar cristão é expoente simbólico. Sua ornamentação deve ser moderada (IGMR 305), porque ele mesmo é o nosso interlocutor. É costume, então, vermos hoje altares tão significativos, que devem aparecer assim como são: naturais, belos, sem toalhas nem enfeites.

Enfim, os objetos ou peças litúrgicas vieram para ficar e não para serem substituídos facilmente. Se a nossa relação com os objetos técnicos hoje é tão fugaz, justamente precisamos ter no âmbito litúrgico uma outra relação que possa nos integrar, curar, pacificar. Mais do que nunca talvez isso seja terapêutico. A estabilidade do espaço litúrgico concorre para a estabilidade da alma.

Estamos já dominados pela idéia de que o novo é sempre melhor, como o carro, o computador, etc. No entanto, na questão litúrgica o novo é o evento pascal perenizado no tempo, e não os seus símbolos fundantes. Estes, através da sua durabilidade, devem representar a eternidade do evento pascal.

CONCLUSÃO

O espaço litúrgico tem tanta importância quanto os outros elementos a serem preparados para a celebração da eucaristia. Para tanto, o espaço não deve ser pensado somente como local para acomodar pessoas, mas

também para propiciar a mobilidade que a ação ritual necessita.

Para esta finalidade, o espaço litúrgico tem um papel importante. Ele deve constituir-se como uma ajuda. Se nos envolvermos com a beleza do espaço litúrgico, os outros sentidos metaforicamente também funcionarão, acolhendo o toque do sagrado, o sabor da harmonia e o suave perfume de um local bem cuidado.

Então, o encontro com o Ressuscitado se tornará também para cada fiel um evento pascal. Evento é sempre o presente que se torna a matriz do tempo e do espaço. Estes só são perceptíveis pela memória porque alguma coisa neles acontece, gerando, assim, a história. A intersecção entre tempo e espaço captada por um evento, gera a *data*, o *lugar* e *fato*. Então, o espaço litúrgico é o *lugar* onde o encontro sacramental do Ressuscitado com sua Igreja torna-se um *fato presente* a partir do evento pascal celebrado.

Os objetos que compõem um espaço litúrgico são determinados pelo seu aspecto sagrado relacionado com a fé, tendo o altar como símbolo eucarístico central. Tudo no espaço litúrgico concorre para a eternidade do mistério pascal. Por isso, a beleza, a nobreza e a durabilidade dos objetos e peças devem ser respeitadas. No mundo atual, cada vez mais, os objetos são técnicos, funcionais e de pouca durabilidade. Então, a nossa relação com eles se tornou fugaz e vazia. Essa forma de relação com as coisas criou uma mentalidade contrária à teologia do espaço litúrgico, onde tudo tem sabor de eternidade, vida e comunhão.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997

ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola. 2005.

CATECISMO da Igreja católica. edição revisada de acordo com o texto oficial latino. São Paulo: Loyola, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia. in *DOCUMENTOS do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus. 1997, pp. 33-79

COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005

DENZIGER, Henrique. *El magistério de la Iglesia*: manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbres. Barcelona: Herder, 1997

DIANO, Carlo. *Forme et événement.Principe d'une interpretation du monde grec*. Paris: Éditon de l'Eclat. 1994

DÍDIMO DE ALEXANDRIA. *Tratado sobre a Trindade*. Liv. 2,12: PG 39, 667

EDDINGTON, Arthur. *Space, time and gravitation, an outline relativity theory*. Kambridge: University Pres, 1968

INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano (IGMR). Petrópolis: Vozes, 2005

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus. 1995

LEÃO MAGNO. *Sermo 12, De Passione*. 3, 6: PL 54, 356.

LEBRUN, François. *As grandes datas do cristianismo*. Lisboa: Editorial. 1989.

NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia: memória e presença do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICOEUR, Paul, *Della interpretazione*. Saggio sul Freud, Il Saggiatore. Milão 1977

ROWER, Basílio. *Dicionário de liturgia*. Petrópolis:Vozes, 1947

SANTOS, Milton. *A natureza do tempo e do espaço: técnica e tempo. razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999

TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado: cultura e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004

YONGBLOOD, Ronald F. *et al*. Templo. *in Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004

Prof. Dr. Pe. Valeriano dos Santos Costa

Doutor em Liturgia e Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.